

O PENSAMENTO SOBRE CURRÍCULO NO SÉCULO XX: UMA REVISÃO DA LITERATURA

João J. E. Rabelo – jje@dem.ufc.br
Universidade Federal do Ceará - UFC

Resumo: Tem sido considerável o número de trabalhos publicados nos anais do COBENGE dedicados ao tema currículo. Muitas destas publicações têm abordado experiências ou propostas de reforma curricular mas apenas um número reduzido consiste de concepções curriculares fundamentadas em referências bibliográficas. Pode-se observar, contudo, que estes trabalhos não têm explorado o conjunto das pesquisas e concepções curriculares desenvolvidas no século XX. O termo currículo tem grande parte de seus significados atuais originados a partir da segunda metade do século XIX e desde então tem sido pesquisado por educadores, filósofos e sociólogos. Este trabalho tem por objetivo apresentar as obras e reflexões sobre currículo que obtiveram maior influência no pensamento educacional do século XX, tanto no exterior quanto no Brasil. Com isso acreditamos estar disponibilizando aos educadores das engenharias elementos para a pesquisa, reflexão e ação fundamentados no estado da arte do pensamento curricular.

Palavras-chave: Currículo, Teorias de currículo, Estudos sobre currículo

1. INTRODUÇÃO

Muito do isolamento entre as áreas “Educação” e “Ensino de Engenharia” dá-se pelo desconhecimento por nós, professores de engenharia, do que é produzido naquele campo do conhecimento. Este distanciamento é notável, por exemplo, na área de currículo.

As pesquisas educacionais sobre currículo já são suficientemente numerosas e relevantes para serem ignoradas pelos profissionais do ensino de engenharia. Este trabalho tem por objetivo apresentar aos educadores das engenharias as principais referências bibliográficas, concepções de currículo e reflexões sobre o tema. Procuraremos, com isso, oferecer uma visão panorâmica da área de currículo, dos seus primórdios aos dias atuais.

Nesta apresentação das principais concepções de currículo, procuraremos não defender nenhuma teoria em particular. E isto por pelo menos duas razões: primeiro pelo caráter deste trabalho, que se propõe a divulgar, entre os professores das engenharias, as idéias mais significativas sobre currículo; segundo porque cremos que as propostas a serem apresentadas podem se complementar, principalmente quando se pensa em aplicá-las numa área concreta como a engenharia.

De início, abordaremos as principais concepções de currículo desenvolvidas no estrangeiro para logo após abordarmos a evolução da área no Brasil. Concluiremos o artigo tecendo algumas considerações sobre a relação desta pesquisa com o ensino de engenharia.

2. GENEALOGIA E SIGNIFICADOS DO TERMO CURRÍCULO

Na década de 1960 o campo do currículo invade a literatura especializada, levando a uma grande quantidade e variedade de trabalhos. Desde então, o currículo tem sido analisado sob diversos aspectos e a partir de várias concepções educacionais.

Flávia TERIGI (1996), ao abordar a busca da origem do significado do termo, ilustra três perspectivas em relação ao conceito de currículo, a partir das quais defende sua perspectiva para o significado de currículo:

“Não se trata de escolher um sentido, mas de sustentar a impossibilidade de encontrar uma origem “verdadeira”. Trata-se, então, de compreender como... o termo curriculum foi recebendo historicamente diferentes significados. Como foi se ampliando seu alcance, como foi se transformando seu sentido... Por isso, preferiremos falar de pontos de emergência, e não origens” (p. 170)

Na segunda metade do artigo a autora dedica-se a apresentar vários pontos de emergência de significados para o termo.

Passemos agora à evolução das concepções de currículo desenvolvidas no exterior.

3. O PENSAMENTO CURRICULAR FORA DO BRASIL

3.1. Concepções tradicionais de currículo

No primeiro livro a conter o termo *curriculum*, *The Child and the Curriculum*, de 1902, mais próximo de uma filosofia da educação do que de uma teoria do currículo, DEWEY (1990) defende o respeito às características individuais da criança. Mais preocupado com o desenvolvimento do aluno do que com questões ocupacionais, o autor se preocupa com a capacitação do estudante para lidar com e transformar a realidade. Sua visão de currículo não teria, contudo, a mesma influência de propostas posteriores, como as de Franklin Bobbitt e Ralph Tyler, a serem agora apresentadas.

No prefácio de *The Curriculum*, BOBBITT (1918), considerando a rápida evolução da ordem social, com o crescimento de instituições e a especialização do trabalho, adverte para a necessidade de um avanço na educação que apoie a tendência social. Nas palavras do autor:

“Aqui procuramos desenvolver uma perspectiva que parece ser útil aos profissionais de educação ao fazerem os ajustes necessários às novas exigências sociais, bem como a pesquisadores que procuram definir com precisão os objetivos da educação.” (prefácio)

O autor comenta que a educação tem há muito se dedicado ao desenvolvimento de métodos de ensino, mas só agora tem sido desenvolvida uma teoria sobre a formulação do currículo que já não pode ser desprezada.

A obra que teria o maior impacto na área de currículo, contudo, somente seria publicada em 1949 por Ralph TYLER (1949). *Basic Principles of Curriculum and Instruction* aborda quatro “perguntas fundamentais” que devem ser respondidas ao se desenvolver qualquer currículo. São apresentados métodos para estudar cada uma das perguntas: Quais objetivos educacionais deve a escola buscar atingir? Quais experiências educacionais podem ser oferecidas de forma a atingir aqueles objetivos? Como estas experiências educacionais podem ser organizadas? Como podemos determinar se os objetivos estão sendo atingidos?

Esta proposta seria aperfeiçoada por Hilda TABA (1962), cujo livro sobre currículo, apesar de bem mais complexo que o de Tyler, pode ser considerado como dentro de uma orientação semelhante à deste autor.

3.2. O movimento de reconceptualização

A década de 1960 foi palco de muitas reivindicações e transformações sociais. Não por coincidência, foi também neste período que surgiram muitos trabalhos que questionavam a validade dos padrões educacionais vigentes. O movimento da reconceptualização foi liderado por William Pinar e representou uma contestação à concepção tradicional de currículo, tendo ocorrido nos EUA a partir da década de 1970. Naquele momento, passava a ser fundamental

questionar o conjunto de processos que determinavam o que era efetivamente ensinado. Em 1973 foi realizada a I Conferência sobre Teoria de Currículo, da qual resultou a publicação de um marco na área, o livro *Curriculum Theorizing: the reconceptualists*, organizado pelo próprio PINAR (1975). Dentre outros autores que participam da publicação destacam-se Herbert Kliebard, James Macdonald e Maxine Greene.

3.3. Abordagens críticas ao currículo

A Nova Sociologia da Educação (NSE)

Este movimento, que é a primeira contribuição significativa para uma reflexão sociológica sobre o currículo, surge na Grã-Bretanha na década de 1960 e se inscreve na corrente de uma longa tradição de reflexão crítica sobre a sociedade, a educação e a cultura, da qual Raymond WILLIAMS (2001) é um dos expoentes. A NSE tem como manifesto o livro *Knowledge and Control: new directions for the sociology of education* (YOUNG, 1971). Esta obra contém importantes contribuições de Basil Bernstein e de Pierre Bourdieu. Uma das primeiras tarefas a que se dedicariam os então sociólogos britânicos do currículo seria a análise dos mecanismos e as estratégias de seleção, legitimação, organização e distribuição dos saberes escolares ou, em outros termos, como se dava a seleção do conhecimento que fazia parte do currículo escolar.

A NSE sofreria reformulações posteriores, sendo Jean-Claude FORQUIN (1993, 1996) um de seus colaboradores. Em um trabalho recente, *O Currículo do Futuro* (YOUNG, 2000) o líder da NSE apresenta uma proposta mais concreta para um currículo no novo milênio. A sociologia do currículo é, hoje, uma área de pesquisa consolidada nos países do primeiro mundo.

Teorias da reprodução

Não foi produzida na França, durante a década de 1960, nenhuma crítica significativa ao currículo. Foi publicado, contudo, o livro *A Reprodução*, de Pierre BOURDIEU e Jean-Claude PASSERON (1970), que teria grande influência na teoria educacional crítica em geral e na teoria crítica do currículo em particular. Estes sociólogos fazem uma crítica à escola capitalista que não se limita à análise marxista. Embora centrada no conceito de “reprodução” a análise afasta-se da abordagem marxista em vários aspectos: aqui a cultura não está à mercê da economia. Para os dois autores, a dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural. Contrariamente a outras análises críticas, a escola não atua pela inculcação da cultura dominante às crianças e jovens das classes dominadas, mas, ao contrário, por um mecanismo que acaba por levar à exclusão.

Teorias neo-marxistas

O início da crítica neomarxista às teorias tradicionais do currículo e ao papel ideológico do currículo está fortemente identificado com o pensamento de Michael Apple. A reflexão marxista identifica que a dinâmica da sociedade capitalista gira em torno da dominação dos que detêm o controle dos recursos materiais ou capital sobre aqueles que possuem apenas sua força de trabalho. É por isso que se diz que há uma relação estrutural entre economia e educação e, mais especificamente, entre a economia e o currículo. Para Apple, entretanto, essa ligação não é de determinação simples e direta. A preocupação em evitar uma concepção mecanicista e determinista dos vínculos entre produção e educação já estava presente em seu primeiro livro, *Ideology and Curriculum* (APPLE, 1990), publicado em 1979. Esta preocupação é ainda mais forte em sua segunda obra, *Educação e Poder* (APPLE, 1989), de 1985. Nestas obras, e outras que lhes seguiram, o autor investiga o papel da escola na produção e distribuição do conhecimento oficial. Em suma, na perspectiva de Apple, o

currículo não pode ser compreendido e transformado se não fizermos perguntas fundamentais sobre suas conexões com relações de poder.

Entre os autores que contribuíram para o desenvolvimento, nos EUA, de uma teorização crítica sobre currículo, outro nome a destacar é o de Henry Giroux. Também a crítica de Giroux esteve centrada numa reação às perspectivas empíricas e técnicas sobre currículo então dominantes. Utilizando-se de conceitos desenvolvidos pelos autores da escola de Frankfurt, GIROUX (1983, 1986) ataca a racionalidade técnica e utilitária, bem como o positivismo das perspectivas dominantes sobre currículo. Na análise de Giroux, as perspectivas dominantes, ao se concentrarem em critérios de eficiência e racionalidade burocrática, deixam de levar em consideração o caráter histórico, ético e político das ações humanas e sociais e, particularmente, no caso do currículo, do conhecimento. Como resultado, as teorias tradicionais sobre currículo contribuem para a reprodução das injustiças sociais.

O currículo oculto

Trata-se de um conceito e não de uma teoria, tendo sido utilizado pela primeira vez provavelmente por Philip JACKSON (1990) em seu livro *Life in Classrooms*, de 1968. O autor defende que são as características estruturais da sala de aula e da situação de ensino, mais do que o seu conteúdo explícito, que “ensinam” certas coisas: as relações de autoridade, a organização espacial, a distribuição do tempo, os padrões de recompensa e castigo. O “currículo oculto” pode ser compreendido como constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes.

Mais recentemente, o currículo oculto foi também abordado por APPLE (1990) e por Jurjo Torres SANTOMÉ (1996).

Outras abordagens críticas ao currículo

Outros pesquisadores têm apresentado contribuições para a análise crítica do currículo. Ivor GOODSON (1990 e 2001) e André CHERVEL (1990) abordam o currículo e as disciplinas sob uma perspectiva histórica, procurando compreender como se dá o seu processo de construção. J. Gimeno SACRISTÁN (2000) apresenta sua concepção de currículo sob a forma de uma reflexão sobre a prática. Também preocupado com a prática curricular, Lawrence STENHOUSE (1998) propõe uma abordagem ao currículo como processo.

3.4. Abordagens cognitivas ao currículo

A recente reforma do currículo na Espanha deu grande visibilidade ao trabalho de César COLL (2000). Em *Psicologia e Currículo*, Coll propõe um modelo de currículo para o ensino obrigatório. Sua proposta, comprometida com uma visão construtivista e psicopedagógica, nasce a partir de uma ampla análise da produção científica nestas áreas e se constitui numa rica síntese daqueles trabalhos. Uma outra visão genética ou cognitiva do currículo pode ser encontrada em Elliot EISNER (1974 e 1996).

3.5. Abordagens pós-críticas ao currículo

Estamos num momento em que a crítica ao currículo está indo além do que se pode chamar de problemas estruturais do capitalismo, em especial a questão da produção e reprodução das desigualdades sociais. Surgem alguns novos enfoques ao tema.

Abordagem pós-moderna

Dentro da perspectiva pós-moderna temos os trabalhos de William DOLL (1997) e Alicia DE ALBA et al (2000). O chamado movimento pós-modernista, segundo Tomaz T. da SILVA (2001b),

“proclama que estamos vivendo uma nova época histórica, a Pós-Modernidade, radicalmente diferente da anterior, a Modernidade... Nossas noções de educação, pedagogia e currículo estão solidamente fincadas na Modernidade e nas idéias modernas. A educação tal como a conhecemos hoje é a instituição moderna por excelência... Na sua ânsia de ordem e controle, a perspectiva social moderna busca elaborar teorias e explicações que sejam as mais abrangentes possíveis, que reúnem num único sistema a compreensão total da estrutura e do funcionamento do universo e do mundo social... Para a crítica pós-moderna, essas noções, ao invés de levar ao estabelecimento da sociedade perfeita do sonho iluminista, levaram ao pesadelo de uma sociedade totalitária e burocraticamente organizada.” (p.111)

Abordagem pós-estruturalista

Uma outra vertente de crítica ao currículo é o pós-estruturalismo, que, embora partilhe certos elementos com o movimento pós-moderno, com ele não se confunde. Enquanto o pós-estruturalismo limita-se a teorizar sobre a linguagem e o processo de significação, o pós-modernismo abrange um campo bem mais extenso de objetos e preocupações. SILVA (2001b) esclarece que

“Aquilo que se entende hoje por “pós-estruturalismo” deve sua definição, sem dúvida, principalmente aos trabalhos de Foucault e Derrida. Foucault concebe o poder não como algo que se possui, nem como algo fixo... mas como uma relação... Para Foucault... poder e saber são mutuamente dependentes. Não existe saber que não seja a expressão de uma vontade de poder. Ao mesmo tempo, não existe poder que não se utilize do saber... Não se pode falar propriamente de uma teoria pós-estruturalista do currículo... Mas há certamente uma “atitude” pós-estruturalista em muitas das perspectivas atuais sobre currículo... A perspectiva pós-estruturalista... abandona a ênfase na “verdade” para destacar, em vez disso, o processo pelo qual algo é considerado como verdade. A questão não é, pois, a de saber se algo é verdadeiro, mas, sim, de saber por que esse algo se tornou verdadeiro... (p.118-124)

Outras abordagens pós-críticas ao currículo envolvem estudos sobre gênero, raça e cultura.

Este é o panorama dos estudos sobre currículo no século XX. Vejamos agora como se deu o estabelecimento desta área no Brasil.

4. O PENSAMENTO CURRICULAR NO BRASIL

Na apresentação dos trabalhos tomaremos emprestada a divisão temporal proposta por Marlucy PARAISO (1994). Assim, consideraremos os trabalhos publicados antes do ano de 1986, aqueles publicados entre 1986 e 1989 e, por fim, a produção a partir de 1990 a 2001.

4.1. A produção anterior a 1986

Para uma melhor compreensão do contexto em que surgem as primeiras publicações sobre currículo no Brasil partiremos de algumas citações de Antônio Flávio B. MOREIRA (2001c):

“Quando os pioneiros começaram a organizar reformas nos sistemas educacionais de alguns estados brasileiros, não se havia difundido, no Brasil, uma proposta sistemática de abordagem a questões curriculares. O caráter elitista do ensino e do currículo é

questionado após a Primeira Guerra... Ainda, as elites intelectuais horrorizaram-se ao saber que 85% da população brasileira era composta por analfabetos. Como consequência desses diversos fatores, promoveram-se, no final da primeira década deste século (XX), diversas campanhas em prol da alfabetização das massas... Quanto ao contexto internacional, logo após a guerra... a influência americana na América Latina aumentou... as teorias pedagógicas progressivistas formuladas por pensadores americanos e europeus começaram a exercer considerável fascínio nos educadores e teóricos brasileiros... ”. (p. 85-87)

Dentro deste contexto, reformas educacionais foram promovidas, na década de 1920, em importantes estados, conduzidas por aqueles que passariam a ser conhecidos como pioneiros. Anísio Teixeira, na Bahia, chamou a atenção para a importância de se organizar o currículo escolar em harmonia com os interesses, as necessidades e os estágios de desenvolvimento das crianças. Pela primeira vez, disciplinas escolares foram consideradas instrumentos para o alcance de determinados fins, ao invés de fins em si mesmas, sendo-lhes atribuído o objetivo de capacitar os indivíduos a viver em sociedade. Além da preocupação com as necessidades individuais, havia a intenção de que os currículos escolares se adaptassem ao ambiente social e o refletissem. Citando novamente MOREIRA (2001c),

“...embora as reformas não tenham chegado a propor procedimentos detalhados de planejamento curricular, a ênfase na metodologia de ensino compensava essa falta e oferecia diretrizes para a prática curricular. Faz sentido, assim, localizarmos as origens do campo do currículo nas reformas dos pioneiros... (cujos) princípios podem ser claramente identificados no livro de Anísio Teixeira, Pequena Introdução à Filosofia da Educação, publicado em 1934”. (p.92)

Duas instituições tiveram grande influência no desenvolvimento da área de currículo a partir das reformas dos pioneiros: o INEP e o PABAE. Criado em 1938 o INEP iria atuar como centro de estudos de problemas educacionais relacionados com o Ministério da Educação. O enfoque curricular do INEP seria ilustrado em 1955 no primeiro livro de currículo publicado no Brasil, *Introdução ao Estudo da Escola Primária*, escrito por João Roberto Moreira. A teoria curricular apresentada fundamentava-se, principalmente, em idéias progressivistas, com ênfase tanto no desenvolvimento individual como no bem-estar coletivo.

Com o considerável aumento da influência americana no Brasil, inclusive na educação, foi assinado um acordo para a criação do PABAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar). Em 1966 houve o lançamento do segundo livro sobre currículo, *Problemas Gerais de Currículo*, de Dalilla C. SPERB (1979). Neste mesmo ano, o enfoque de currículo do PABAE é apresentado no livro de Marina Couto, *Como Elaborar um Currículo*, considerado a terceira publicação nacional na área.

Em 1977, Lady Lina Traldi publica *Currículo*, em três volumes, que se constitui no quarto texto brasileiro na área. Estas três últimas obras, cujas autoras haviam realizado estudos de pós-graduação nos EUA, sofrem grande influência de autores americanos, sendo valorizadas as perspectivas tecnicista e behaviorista.

Enquanto, desde o início da década de 1970, o currículo já era submetido a análises críticas em países do primeiro mundo, no Brasil sua abordagem ainda se limitava a aspectos pedagógicos, técnicos ou de caráter prático. Contudo, a questão do conhecimento escolar foi considerada de maneira crítica por autores nacionais como Paulo Freire, Demerval Saviani e José Carlos Libâneo, protagonistas do acirrado debate entre as propostas da Educação Popular e da Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. Estes teóricos, contudo, não podem ser chamados teóricos do currículo mas sim teóricos da educação. Marlucy A. PARAÍSO (1994) nos faz uma importante observação:

“É necessário lembrar também que essas propostas não problematizam os conteúdos. As duas já têm como dado o conteúdo, ou seja, o conteúdo não é problema, mas solução”. (p. 100)

As publicações da primeira metade da década de 1980 em geral têm o currículo como um elenco de disciplinas, quando elas deveriam representar apenas instrumentos da prática curricular. Como observa PARAÍSO (1994),

“É como se desconhecessem que o currículo é uma área de conhecimentos bem desenvolvida em outros países e, assim, confundem currículo com programas e listagem de conteúdos de uma disciplina ou de um curso”. (p. 102)

4.2. A produção entre 1986 e 1989

Um artigo de José L. DOMINGUES (1986) deu uma nova orientação ao campo de currículo no Brasil. Com base nas idéias de Jurgen Habermas e de James Macdonald, Domingues analisou cada um dos três paradigmas de currículo: o técnico-linear, de cunho notadamente instrumental ; o circular-consensual, centrado nas experiências dos alunos; e o dinâmico-dialógico ou crítico. Ao ressaltar a riqueza do paradigma dinâmico-dialógico, o autor dá início à crítica dos paradigmas tradicionais de currículo em nosso país.

Ana M. SAUL (2000) publica, em 1988, *Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*, que representa uma das primeiras produções nacionais na área de avaliação de currículo, elaborada a partir de uma perspectiva crítica.

4.3. A produção a partir de 1990

De caráter já crítico, esta nova fase da produção brasileira sobre currículo é inaugurada por duas publicações: *Currículos e Programas no Brasil* (MOREIRA, 2001) e *Currículo, Conhecimento e Democracia: as lições e as dúvidas de duas décadas* (SILVA, 1992a).

Em seu livro, Moreira aborda a transferência educacional – influência do pensamento estrangeiro na educação – tomando como referência o desenvolvimento do campo do currículo no Brasil. O autor propõe um enfoque alternativo para o estudo da transferência educacional, composto de três elementos interrelacionados: o contexto internacional, os contextos sócio-econômico e político brasileiros e por fim o contexto institucional e cultural no campo que é objeto da transferência, no caso o currículo. O estudo conduzido focaliza três períodos: de 1920 a 1960; de 1960 a 1979; de 1979 a 1987.

O artigo de Silva, por sua vez, representa um importante estudo sobre as lições e as dúvidas após as duas últimas décadas de desenvolvimento do pensamento curricular no Brasil. Conforme arrazoá PARAÍSO (1994),

“Nele o autor denuncia o fato de termos ignorado as reflexões apresentadas pela Nova Sociologia da Educação e... pela Teoria da Reprodução... Sua principal preocupação é refletir sobre as ênfases que devem ser dadas pela área de currículo na construção de uma sociedade mais democrática”. (p. 104)

Em 1992 SILVA (1992b) organiza um conjunto de artigos e os publica num livro que sintetiza suas pesquisas sobre a sociologia da educação. Ainda no ano de 1992, Joel MARTINS (1992) publica uma obra que aborda o currículo sob a perspectiva fenomenológica. Apesar de seu caráter inovador, permanece pouco explorado por outros pesquisadores do currículo.

Em um número especialmente destinado à área de currículo, a revista *Em Aberto* traz um conjunto de artigos importantes para a área: Teresinha BURNHAM (1993) discute os conceitos de complexidade, multirreferencialidade e subjetividade na abordagem do currículo;

Luciôla L.C. SANTOS (1993) aborda aspectos do trabalho de Michel Foucault que contribuem para análises e estudos no campo do currículo; Rosa F. de SOUZA (1993) apresenta uma avaliação da produção intelectual brasileira sobre currículo a partir da década de 1980.

Um outro trabalho que analisa as publicações brasileiras na área do currículo é escrito por PARAISO (1994), abrangendo o período de 1983 a 1994. MOREIRA e SILVA (2000) publicam em 1994 uma coletânea de artigos de Michael Apple e Henry Giroux, nos quais o currículo é analisado sob as perspectivas sociológica, política e cultural. Em 1996, SILVA (1996) publica *Identidades Terminais*, uma coletânea de artigos seus em que questiona o projeto educacional moderno, prenunciando a pós-modernidade. Sob o título *Currículo: questões atuais*, MOREIRA (2001a) organizou, em 1997, artigos de diversos autores brasileiros que avaliam aspectos do currículo relacionados à pós-modernidade, ao multiculturalismo e à interdisciplinaridade. José A. PEDRA (2001) publicou, em 1997, o livro *Currículo, Conhecimento e Suas Representações*, no qual aborda o conceito de currículo como representação social. SILVA (1999) publica, em 1999, uma coletânea denominada *O Sujeito da Educação: estudos Foucaultianos*, na qual as idéias de Foucault são abordadas sob a perspectiva educacional em geral e do currículo em particular.

Novos livros serão ainda publicados. Em 1999 Marisa V. COSTA (2001) publica *O Currículo nos Limiares do Contemporâneo*, um conjunto de trabalhos de autores brasileiros que avaliam problemas atuais do currículo. Ainda em 1999 são publicados *Currículo: políticas e práticas* (MOREIRA, 2001b) e *Trabalho, Formação e Currículo* (FERRETI, 1999). Enquanto o primeiro texto contém reflexões atuais sobre o currículo brasileiro, o segundo se concentra na elucidação das relações entre trabalho e currículo.

Finalmente, duas das últimas obras sobre currículo publicadas no Brasil são de SILVA (2001a e 2001b). Em *Currículo como Fetice* o autor aborda o tema sob o olhar da linguagem – enfoque pós-estruturalista. Já no livro *Documentos e Identidades: uma introdução às teorias do currículo*, é apresentada uma visão bastante ampla das teorias e movimentos sobre currículo desde o início do século XX.

Agora já é hora de fazermos uma síntese de tudo o que foi apresentado, buscando privilegiar a construção de currículos nos cursos de engenharia no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção intelectual sobre currículo, ao longo do século XX, pode ser dividida em dois grandes grupos: as propostas técnicas ou instrumentais e as concepções críticas. É provável que o desafio atual seja o de conciliar estas visões. Assim, a perspectiva crítica poderá se concretizar nas salas de aula e o enfoque técnico, já presente no cotidiano educacional, ganhará um caráter crítico.

A diversidade de concepções e vasta produção sobre currículo ilustram a complexidade do tema. O seu tratamento nos cursos de engenharia não pode limitar-se a visões fechadas sobre o currículo. Não podemos deixar de salientar, também, a importância de se fundamentar as propostas curriculares, dentro do possível, na já considerável bibliografia existente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, Michael W. **Ideology and curriculum**. 2 ed. New York: Routledge, 1990. 203 p.
_____. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 201 p.
BOBBITT, Franklin. **The curriculum**. Cambridge, MA: Riverside, 1918. 295 p.
BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

- BURNHAM, Teresinha F. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 12, n. 58, p. 3-13, abr./jun. 1993.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares. **Teoria & Educação**, n.2. 1990.
- COLL, César. **Psicologia e currículo**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2000. 200 p.
- COSTA, Marisa V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 176 p.
- DE ALBA, Alicia et al. **Curriculum in the postmodern condition**. New York: Peter Lang, 2000. 306 p.
- DEWEY, John. **The school and society** and **The child and the curriculum**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. 209 p. Combined edition.
- DOLL, William E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. 1 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1997. 224 p.
- DOMINGUES, José L. Interesses humanos e paradigmas curriculares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, vol. 67, n. 156, p. 351-366, maio/ago. 1986.
- EISNER, Elliot W.; VALLANCE, E. **Conflicting conceptions of curriculum**. 1 ed. Berkeley: McCutchan, 1974.
- EISNER, Elliot W. **Cognition and curriculum reconsidered**. 2 ed. 1996.
- FERRETI, Celso J. et al. (Orgs.). **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?** 1 ed. São Paulo: Xamã, 1999. 167 p.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociológicas e epistemológicas do conhecimento escolar**. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 205 p.
- FORQUIN, Jean-Claude. As abordagens sociológicas do currículo: orientações teóricas e perspectivas de pesquisa. **Educação & Realidade**, vol. 21, n. 1, p. 187-198, jan./jun. 1996.
- GIROUX, Henry. **Pedagogia radical: subsídios**. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GOODSON, Ivor F. **Currículo, teoria e história**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 140 p.
- _____. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**, n.2, p.230-254. 1990.
- JACKSON, Philip W. **Life in classrooms**. New York: Teachers College Press, 1990. 183 p.
- MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992. 142 p.
- MOREIRA, Antônio F.B.; SILVA, Tomaz T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000. 154 p.
- MOREIRA, Antônio F.B. (Org.). **Currículo: questões atuais**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2001a. 143 p.
- _____. **Currículo: políticas e práticas**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001b. 183 p.
- MOREIRA, Antônio F.B. **Currículos e programas no Brasil**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2001c. 232 p.
- PARAÍSO, Marlucy A. Estudos sobre currículo no Brasil: tendências das publicações na última década. **Educação & Realidade**, v. 19, n.2, p. 95-114, jul./dez. 1994.
- PEDRA, José A. **Currículo, conhecimento e suas representações**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2001. 120 p.
- PINAR, William (Org.). **Curriculum theorizing: the reconceptualists**. Berkeley: McCutchan, 1975. 452 p.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. 352 p.
- SANTOMÉ, Jurjo T. **El curriculum oculto**. 5 ed. Madrid: Morata, 1996. 217 p.
- SANTOS, Lucíola L.C.P. Novas abordagens no campo do currículo. **Em Aberto**, Brasília, v.12, n.58, p. 73-76, abr./jun. 1993.

- SAUL, Ana M. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000. 151 p.
- SILVA, Tomaz T. Currículo, conhecimento e democracia: as lições e as dúvidas de duas décadas. In: T.T. da SILVA. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992a. p. 75-93.
- _____. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação.** 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992b. 188 p.
- _____. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política.** 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 273 p.
- SILVA, Tomaz T. (Org.). **O sujeito da educação: estudos Foucaultianos.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 258 p.
- SILVA, Tomaz T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a. 117 p.
- _____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. 154 p.
- SOUZA, Rosa F. A produção intelectual brasileira sobre currículo a partir dos anos 80. **Em Aberto**, Brasília, v.12, n.58, p. 117-128, abr./jun. 1993.
- SPERB, Dalilla C. **Problemas gerais de currículo.** 5 ed. Porto Alegre: Globo, 1979. 347 p.
- STENHOUSE, Lawrence. **Investigación y desarrollo del curriculum.** 4 ed. Madrid: Morata, 1998. 319 p.
- TABA, Hilda. **Curriculum development: theory and practice.** New York: Harcourt, Brace & World, 1962.
- TERIGI, Flávia. Notas para uma genealogia do curriculum escolar. **Educação & Realidade**, vol. 21, n. 1, p. 159-186, jan./jun. 1996.
- TYLER, Ralph W. **Basic principles of curriculum and instruction.** Chicago: The University of Chicago Press, 1949. 128 p.
- WILLIAMS, Raymond. **The long revolution.** 2 ed. Ontario: Broadview Press, 2001. 399 p.
- YOUNG, Michael F.D. **O currículo do futuro.** 1 ed. Campinas: Papirus, 2000. 288 p.
- YOUNG, Michael F.D. (Org.). **Knowledge and control: new directions for the sociology of education.** London: Collier McMillan, 1971. 289 p.

CURRICULUM THOUGHT IN THE XXth CENTURY: A BIBLIOGRAPHICAL SURVEY

Abstract: *A number of papers has been presented at COBENGE – BRAZILIAN CONGRESS ON ENGINEERING EDUCATION on the subject of curriculum. These have focused mainly either on particular experiences or on suggestions of course organization. A small number of these papers has been based on bibliographical references. One can easily notice that the stream of the curriculum educational thought has not been considered. The term curriculum has most of its current meanings grown since the second half of the XIXth century. Since then it has been studied by educators, philosophers and sociologists. This paper is intended to present the major publications and thoughts on curriculum during the XXth century, both outside and inside Brazil. As a result we believe that the current production on curriculum will be available for the research, reasoning and practice of professionals on engineering education.*

Key-words: *Curriculum, Curriculum theories, Curriculum research*